

TRUQUES DO MÁGICO: O CONTO FANTÁSTICO DE MURILO RUBIÃO

AGUIAR, Marcela (UFMT) ¹

Resumo: Nossa pesquisa se constitui da análise do conto *O ex-mágico da Taberna Minhota* (1947), do Murilo Rubião – que resultará em uma dissertação de mestrado. A perspectiva da análise apresenta dois eixos críticos: a de obras que tratam do fantástico, com a identificação de elementos utilizados pelo autor na construção dos seus contos; e a da estilística, cujos pressupostos nos permitem perceber a elaboração de um estilo próprio, colocando-o na posição de precursor do fantástico no Brasil. Esta Comunicação focaliza os tratamentos dados ao fantástico pela crítica tradicional e contemporânea, ao adotarem a concepção genológica e a modal, respectivamente.

Palavras-chave: Conto fantástico brasileiro. Murilo Rubião. Análise estilística.

1 – Introdução

A questão inicial com a qual nos deparamos diante da obra de Murilo Rubião é, certamente, a de sua inserção no fantástico. O fato de o autor mineiro ter sido considerado pela crítica como o precursor do conto fantástico brasileiro veio reforçar a necessidade de procedermos a uma revisão bibliográfica, a fim de compreender as linhas gerais do fantástico, considerado por críticos e estudiosos como um objeto movente – no sentido de que suas características principais, de acordo com a época, tornam-se mais ou menos acentuadas.

Procuramos, em seguida, trabalhos de pesquisadores contemporâneos, a fim de constatar as mudanças em relação ao modo de se estudar o fantástico e, naturalmente, de analisar os contos murilianos. Dentre esses, destacamos os estudos do professor e pesquisador do insólito ficcional, Flávio García (UERJ), que vê a necessidade de uma “redefinição da historiografia literária ou de uma historiografia de gêneros”, para que fique claro que, no século XX, paralelamente ao realismo-maravilhoso, desenvolveu-se não um gênero, mas um modo discursivo: o *insólito banalizado* (2011, p.1).

¹ Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Mato Grosso – MeEL/UFMT, *campus* Cuiabá, MT, Brasil. E-mail: marcela_mt@hotmail.com.

Parece-nos que essa denominação é apropriada, pois estabelece uma conexão entre muitos textos literários, produzidos a partir do século XX, e, ao mesmo tempo, transforma uma discussão em torno de uma nomenclatura em um estudo sobre linguagem, estilo e modo de funcionamento diferentes – característicos da modernidade.

2 – Desenvolvimento

O termo insólito nos remete ao não habitual, não comum, e oposto aos usos e costumes. Na narrativa temos a presença de um ou mais elementos que vão contra a ordem aceita pelas categorias narrativas e pelo leitor. Para García, o insólito é a categoria operacional que

[...] engloba eventos ficcionais que a crítica tem apontado ora como extraordinários – para além da ordem – ora como sobrenaturais – para além do natural – e que são marcas próprias de gêneros literários de longa tradição, a saber, o Maravilhoso, o Fantástico, o Sobrenatural, o Estranho, o Realismo Maravilhoso e o Absurdo (GARCÍA, 2011, p.1).

Também Jaime Alazraki se dedicou ao estudo de elementos insólitos, tomando como *corpus* as obras de Júlio Cortázar e Jorge Luis Borges. O crítico argentino percebeu que aqueles textos possuíam um modo de funcionamento diferente daquele observado por Todorov, em 1970, quando escreveu *Introdução à Literatura Fantástica*².

Essa reflexão se deu após assistir a duas conferências de Júlio Cortázar, uma no ano de 1962 e outra em 1975, nas quais o escritor falava de sua insatisfação quanto à classificação de suas obras (ALAZRAKI, 2001, p.272).

Alazraki (2001) partiu de uma definição que Cortázar deu ao “gênero” a que pertencia, em uma entrevista ao jornalista Ernesto Gonzalez Bermejo:

“Para mí lo fantástico” – explica – “es la indicación súbita de que, al margen de las leyes aristotélicas y de nuestra mente razonante, existen mecanismos perfectamente válidos, vigentes, que nuestro cerebro lógico no capta pero que em algunos momentos irrumpen y se hacen sentir” (ALAZRAKI *apud* BERMEJO, 1981, p.42)³.

² A edição desta obra utilizada nesta Comunicação é de 2007.

³ Tradução livre: “Para mim o fantástico” – explica – “é a indicação súbita de que, à margem das leis aristotélicas e da nossa mente racional, existem mecanismos perfeitamente válidos, vigentes, que nosso cérebro lógico não pode captar, mas que em alguns momentos irrompem e se fazem sentir”.

Essa declaração possibilitou ao teórico a percepção da existência de uma variação do fantástico tradicional – descrito por Todorov (2007) quando analisou textos do século XIX –, a que chamou *neofantástico*, por assumir o mundo real como uma máscara que esconde uma segunda realidade: o verdadeiro espaço ficcional.

Nesse ponto, Alazraki diferencia o fantástico contemporâneo do fantástico tradicional que, segundo ele, “se propõe a abrir uma fissura ou rachadura em uma superfície sólida e imutável”, enquanto para aquela, “a realidade é uma esponja, um queijo gruyère, uma peneira, de cujos orifícios se pode enxergar, como num *flash*, essa outra realidade” (2001, p.276).

Alguns estudiosos contemporâneos, no entanto, têm se dedicado à reflexão sobre o fantástico como gênero literário e modo discursivo. Esses trabalhos de análise colocam em comparação as teorias de Todorov (2007) e Irene Bessière (2001), o que é determinante para o estudo da ficção fantástica (GARCÍA, 2011, p.2).

A teoria todoroviana está pautada na concepção genológica e, se um traço, uma característica é alterada, a narrativa já não pertence mais àquele gênero. Todorov constatou, após analisar obras literárias do século XIX, que o gênero fantástico havia morrido, e que a narrativa kafkiana era um “não-gênero”, pois trazia elementos diferentes daqueles elencados por ele (TODOROV, 2007, p.31) .

Por outro lado, a concepção modal, defendida por Irene Bessière é mais abrangente por permitir analisar todas as obras que apresentarem o elemento insólito como pertencentes ao modo discursivo do fantástico (2001, p.186).

Em síntese, se entendermos o fantástico como um gênero literário, apenas chamaremos assim às obras em que a hesitação – do narrador, das personagens e do leitor – for uma constante, sem que haja qualquer explicação para a presença daquele elemento sobrenatural. Já como modo discursivo, o foco é no evento insólito, na presença de um elemento que não está de acordo com a ordem conhecida e aceita. Não é, portanto, na reação (do narrador, personagem e leitor).

2.1 – O fantástico muriliano

As primeiras linhas d’*O ex-mágico da Taberna Minhota* trazem um homem aparentemente comum lamentando a sua não-origem:

Todo homem, ao atingir certa idade, pode perfeitamente enfrentar a avalanche do tédio e da amargura, pois desde a meninice acostumou-se às vicissitudes, através de um processo lento e gradativo de dissabores. Tal não aconteceu comigo. Fui atirado à vida sem pais, infância ou juventude (RUBIÃO, 1986, p.53).

O primeiro elemento que foge à natureza conhecida já é apresentado nessas poucas linhas: alguém lançado ao desconhecido, alguém sem memória, que se descobre já grisalho, diante de um espelho. Em seguida o dono do restaurante sai de um de seus bolsos, indignado, questionando-o. Ao que o mágico se mostra indiferente:

O que poderia responder, nessa situação, uma pessoa que não encontrava a menor explicação para sua presença no mundo? Disse-lhe que estava cansado. Nascera cansado e entediado (RUBIÃO, 1986, p.53).

As duas realidades, então, são construídas nas linhas seguintes, quando mágicas involuntárias se alternam com a não reação do protagonista ao mundo e às pessoas.

Em todo o conto, identificamos palavras que remetem ao tédio e à angústia: adjetivos como *cansado*, *entediado*, *desconsolo*, *melancólico*, *distraído*, *enfasiado*; e substantivos como *desespero*, *indiferença*, *sofrimento*. A rotina entediante e a angústia diante de uma existência vazia.

Alguém que não tem acesso à sua origem ou às lembranças, não tem parâmetros comparativos. Assim é que, enquanto mágico, ele não valoriza a sua condição e se mostra indiferente ao sucesso e ao reconhecimento do público:

O gerente do circo, a me espreitar de longe, danava-se com a minha indiferença pelas palmas da assistência. Notadamente se elas partiam das criancinhas que me iam aplaudir nas matinês de domingo. Por que me emocionar, se não me causavam pena aqueles rostos inocentes, destinados a passar pelos sofrimentos que acompanham o amadurecimento do homem? Muito menos me ocorria odiá-las por terem tudo que ambicionei e não tive; um nascimento e um passado (RUBIÃO, 1986, p.54).

A seguir, a popularidade o faz desistir dessa ocupação e o leitor é apresentado às tentativas de o mágico pôr fim à sua vida. Ironicamente, as mágicas salvam-no da morte. Quando houve de alguém que ser funcionário público é um modo de “suicidar-se

aos poucos” (p.56), ele decide se empregar em uma repartição. Então, acabam-se as mágicas, mas ele volta à monotonia.

Na segunda parte do conto, o ex-mágico continua enfasiado e queixando-se de sua nova condição, comparando-a com o passado:

Quando era mágico; pouco lidava com os homens – o palco me distanciava deles. Agora, obrigado a constante contato com meus semelhantes, necessitava compreendê-los, disfarçar a náusea que me causavam (RUBIÃO, 1986, p.56).

No momento final, diante da impossibilidade de se comunicar e se fazer presente no mundo, o protagonista manifesta a vontade de retornar à condição de mágico:

Por instantes, imagino como seria maravilhoso arrancar do corpo lenços vermelhos, azuis, brancos, verdes. Encher a noite com fogos de artifício. Erguer o rosto para o céu e deixar que pelos meus lábios saísse o arco-íris. Um arco-íris que cobrisse a terra de um extremo a outro. E os aplausos dos homens de cabelos brancos, das meigas criancinhas (p.57).

Apesar de o tédio e a solidão serem recorrentes na narrativa, interessa-nos, aqui, o universo da narrativa, em que elementos insólitos convivem com os elementos do mundo tal qual o conhecemos. aos seres de papel ou ao leitor. Foi justamente com a expressão “sequestro da surpresa” que Arrigucci Jr. (1999) se referiu a essa falta de estranhamento diante do insólito, tanto por parte dos seres de papel, quanto por parte do leitor:

“É no mínimo curioso que o traço marcante atribuído a toda arte, o de surpreender, comece aqui por faltar. Grande parte da dificuldade de interpretação dessas narrativas reside, pois, na ausência de espanto, intrínseca ao modo de ser da obra como um atributo do mundo ficcional” (ARRIGUCCI Jr., 1999, p.306).

Segundo David Roas, o fantástico inscreve-se na realidade e, ao mesmo tempo, “representa um atendado a essa mesma realidade” (2001, p.25). Assim, o fato de os contos de Murilo Rubião estarem ambientados no mundo conhecido é o que permite o contraste necessário com o elemento insólito, de modo que ocorra a ruptura que colocará em xeque a nossa percepção do real.

3 – Considerações finais:

Esta Comunicação apresentou o resultado parcial de nossa pesquisa e as reflexões acerca do que a tradição crítica – com o embate entre *gênero* literário e *modo discursivo* – produziu sobre o fantástico ficcional, bem como os trabalhos dos críticos contemporâneos, acerca do neofantástico e do insólito banalizado.

As leituras dos contos de Murilo Rubião nos indicam que o autor elaborou não apenas outra realidade ou outro mundo de onde ou para o qual personagens fossem deslocados, e sim um ambiente em que as duas realidades convivem ou, melhor dizendo, um mundo com as características do mundo tal qual o conhecemos, aceitamos e vivenciamos, mas com a presença de elementos e/ou situações insólitas. Esses elementos acabam por estabelecer uma nova ordem de funcionamento e, conseqüentemente, o equilíbrio desse modo discursivo.

Referências bibliográficas:

ALAZRAKI, Jaime. Que és lo neofantástico? In: ROAS, David (org.). *Teorías de lo fantástico*. Madri: Arco/Libros, 2001. p. 265-282.

BESSIÈRE, Irène. O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha. *FronteiraZ*, São Paulo, v. 3, n. 03, set/2009. Disponível em: http://www4.pucsp.br/revistafrenteiraz/numeros_anteriores/n3/download/pdf/traducao2.pdf. Acesso em 28/07/2012.

GARCÍA, Flávio. Fantástico: a manifestação do insólito ficcional entre modo discursivo e gênero literário – literaturas compradas de língua portuguesa em diálogo com as tradições teórica, crítica e ficcional. In: XII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2011, Curitiba (PR). Anais. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0010-1.pdf>. Acesso em 18 ago 2012.

ROAS, David. La amenaza de lo fantástico. Em: **Teorías de lo fantástico**. Madri: Arco/Libros, 2001. p. 7-44.

RUBIÃO, Murilo. O ex-mágico da taberna minhota. In: _____. **O pirotécnico Zacarias**. São Paulo: Ática, 1986. Coleção Nosso Tempo. p.53-57.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução: Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2007.